

A viagem do Visconde

*Varanagem e a capital no
interior do Brasil*

Reportagem: Juliana Freitas

Orientação: Fernando Oliveira Paulino
Diagramação: Julliana Lopes



A Viagem do Visconde

Varnhagen e a capital no Interior do Brasil

Texto e fotos: Juliana Freitas

Inaugurada em 1960 pelo presidente Juscelino Kubitschek, Brasília nasceu de um sonho. Mas este não foi o sonho de apenas um homem. Antes de JK muitos intelectuais e políticos se mobilizaram para que a ideia da capital no centro do país fosse levada adiante. Entre nomes como Hipólito José da Costa, José Bonifácio e Luiz Cruls está Francisco Adolfo de Varnhagen, o Visconde de Porto Seguro, que no século XIX batalhou pela transferência da capital e para colocar seu nome na história do Brasil. Varnhagen viajou pelo interior do país em busca da ‘terra prometida’ que hoje conhecemos por Brasília.

Há 72 km do centro de Brasília, o município goiano de Formosa tem carinha de interior. É conhecido na capital da república por sua badalada Exposição Agropecuária e sua tradicional festa do Divino Espírito Santo. A praça da igreja, a praça da prefeitura e a Rua Visconde de Porto Seguro são os pontos mais movimentados. Convivem com o antigo e o moderno a cada esquina, a cada carro que passa e a cada janela centenária que estremece com a passagem deles.

Em meio a uma via de trânsito confuso – motoristas buzinando, furando o sinal,

pedestres apressados – ninguém sabe responder por que a rua tem nome de Visconde de Porto Seguro. “Não sei, não. Ele devia ser alguém importante”, intui a estudante de pedagogia Rafaela Pedrosa. “Ah, não sei. Mas a (Rua) Visconde (de Porto Seguro) é a mais movimentada da cidade.”, afirma o empresário Fabiano Dutra.

Afinal, quem imaginaria que um historiador importante, diplomata influente, teria visitado Formosa, mesmo que isso tenha ocorrido em meados do século XIX? Contudo, um morador chegou bem perto da resposta correta: “Deve ter sido alguma personalidade importante que visitou a cidade. Foi nos tempos do descobrimento?” questionou o empresário Heuller Campos, fazendo referência à cidade de Porto Seguro, onde atracou Cabral em 1500. De fato, foi uma personalidade que teve a sua importância na história brasileira. Mas foi muito depois da chegada de um dos primeiros navegadores portugueses ao Brasil.

Atualmente, Formosa faz divisa com mais oito municípios goianos, além do Distrito Federal. A cidade de 169 anos situa-se a 283 km de Goiânia e tem cerca de 97 mil habitantes. Apesar de pertencer ao estado de Goiás, tem

relação próxima com o Distrito Federal. De acordo com o Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2010, cerca de 4% da população trabalha ou estuda no DF. A proximidade com a capital federal, diz respeito não só a relação geográfica, mas também a história do município e da criação de Brasília.

Os moradores de Formosa sonharam, durante anos, com a vinda da capital do país para o interior goiano. Enquanto ainda era a pequena Vila Formosa da Imperatriz, fundada em 1843, já acreditavam que o moderno chegaria um dia. Brasília foi inaugurada em região vizinha e a cidade que aguardava a sede do país, cresceu e pouco resta daquela paisagem do século XIX. Segundo Gustavo Chauvet, pesquisador da história do Centro-Oeste e superintendente do Arquivo Público do Distrito Federal, existem apenas 14 casarões antigos na cidade, tombados por decisão judicial.

Toda a expectativa gerada em Formosa em torno da interiorização da capital se intensificou em 1877, com a visita de Francisco Adolfo de Varnhagen – o Visconde de Porto Seguro – à pequena vila para conhecer a

paisagem e demarcar o local que seria o centro das decisões do Império. Desde aquela data, a ideia de que a capital chegaria a Formosa foi passada de geração em geração, até os anos 1950, quando o projeto de Brasília foi posto em prática pelo presidente Juscelino Kubitschek.

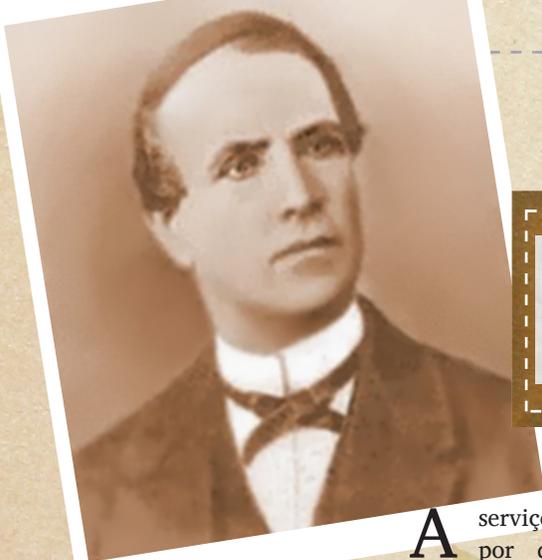
O historiador Luiz Ricardo Magalhães, pesquisou a memória da região onde foi instalada a nova capital e escreveu o livro *Sertão Planaltino: uma outra história de Brasília*, a partir de sua dissertação de mestrado *A Utopia do Centro*. Segundo Magalhães, com a chegada do Visconde à Vila Formosa da Imperatriz, a localidade imediatamente foi promovida a cidade: “foi à visita de Varnhagen que motivou seu amigo D. Pedro II, a elevar a então Vila Formosa da Imperatriz à cidade, foi também a partir desta visita que se cultivou em Formosa a certeza de que um dia a capital do Brasil chegaria à região”, explica.

Para Magalhães, apesar de muitos moradores não saberem exatamente quem é a figura de Varnhagen, Formosa nunca se esqueceu da visita do Visconde, uma prova disso é homenagem a ele na principal rua do município.

Juliana Freitas



A Rua Visconde de Porto Seguro, no centro de Formosa, é a homenagem mais evidente à visita do diplomata ao Planalto Central



O diplomata

A serviço do Imperador Dom Pedro II, Varnhagen viajou por diversos países como embaixador brasileiro. Aproveitou essa oportunidade para visitar diversas bibliotecas e arquivos públicos. Em todos os lugares onde esteve, deixou declarações apaixonadas de amor ao Brasil e da crença em seu futuro como nação. Foi aos 20 anos, ainda estudante em Lisboa, que começou os estudos a respeito de sua terra natal e aos 23 anos, em 1839, fez a sua primeira contribuição, sobre a interiorização da capital, ao recém criado, Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) acerca da interiorização da capital.

De acordo com Luiz Ricardo Magalhães, no século XIX era forte a ideia de que a história era o principal elemento formador de uma nação. E o diplomata brasileiro, atento a isso, queria fazer parte da formação desta jovem pátria. “Varnhagen além de apaixonado pelo Brasil, era vaidoso e queria deixar sua marca na história do país. Ele queria ser um nome importante, queria ser lembrado”, afirma o historiador.

Varnhagen nasceu em Sorocaba, São Paulo, em 1819. Em virtude dos trabalhos que seu pai, o alemão Frederico Luiz Guilherme de Varnhagen, engenheiro metalúrgico, prestava à Coroa Portuguesa – aos oito anos de idade foi morar em Portugal, terra de sua mãe, Maria Flávia de Sá Magalhães. Lá, segundo Basílio de Magalhães, um de seus biógrafos do início do século XX, Varnhagen fez os estudos primários, secundários e o curso de engenharia militar.

Nem Basílio de Magalhães, nem qualquer outro biógrafo de Varnhagen conseguiram explicar como surgiu o interesse inicial de Varnhagen pela história do Brasil. O que se sabe é que assim que concluiu o curso superior, em 1840, apressou-se a solicitar o reconhecimento de sua nacionalidade brasileira. Todo o conhecimento adquirido a respeito do Brasil veio de suas pesquisas, principalmente, nos arquivos de Lisboa e de Madri,

os primeiros países que trabalhou como diplomata representando o Brasil. Segundo o historiador José Carlos Reis, que pesquisou grandes identidades brasileiras, Varnhagen sentia-se um exilado, devido a todos os anos morando no exterior e dominado pela saudade do Brasil.

É considerado por muitos, e inclusive por José Carlos Reis, o ‘Heródoto do Brasil’, pois foi o iniciador da pesquisa metódica nos arquivos estrangeiros, onde encontrou e elaborou inúmeros documentos relativos ao Brasil. Seu patriotismo profundo dominou sua pesquisa e o empenhou na escrita da história brasileira. Publica, em 1854, o volume inicial de sua *História Geral do Brasil* (no qual faz sua primeira defesa da interiorização da capital) e, em 1857, o segundo volume.

Varnhagen situa-se como um dos mais importantes historiadores do Brasil-Império, teve destaque no IHGB, como um dos patronos e recebeu várias homenagens. Como diplomata, prestou serviços ao Brasil em

países como: Portugal, Espanha e Áustria, na Europa; e Colômbia, Venezuela, Peru e Chile, na América. Foi por esses serviços que Varnhagen recebeu, em 1872, o título de Barão de Porto Seguro, o qual foi, dois anos mais tarde, elevado ao posto de Visconde.

No importante *Memorial Orgânico*, de 1849, Varnhagen faz sua primeira e mais completa defesa da interiorização da Capital. Nele, expõe as desvantagens da capital à beira-mar e a importância da integração por meio de uma sede no centro do país. Segundo Luiz Ricardo Magalhães, o que mais chama atenção na história do Visconde é que mesmo longe do Brasil, o diplomata mergulhou na tarefa criteriosa de interpretação de mapas e documentos brasileiros existentes nos arquivos europeus. “Varnhagen conseguiu enxergar naqueles mapas a melhor localização para a capital do Brasil: o Planalto Central, mesmo com um oceano de distância do Brasil.”

Clado Ribeiro de Lessa organizou uma

*Não temos coragem, nem força política, nem fé,
para legislar a mudança da capital!*

Varnhagen, A Questão da Capital: Marítima ou no Interior?

série de cartas enviadas por Varnhagen entre 1839 e 1877 a diversas autoridades, em sua maioria o imperador D. Pedro II, que resultou no livro *Correspondência Ativa*. Na obra é possível identificar, a intimidade que Varnhagen tinha com o imperador (D. Pedro II era padrinho de sua filha) e seu apreço pela Coroa. O historiador do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e mestre da Universidade Estadual do Goiás, Luiz Henrique de Azevedo, entende que Varnhagen, era um empenhado historiador, mas gostava de reconhecimento e desejava que isto viesse senão no presente, no futuro. “Sua vontade de entrar para história como um grande homem era imensa, desde seus primeiros escritos para o IHGB”, relata Azevedo.

Porém, Varnhagen não foi o primeiro defensor da interiorização da capital do Brasil. Antes dele, os inconfindentes, José Bonifácio,

Marquês de Pombal e Hipólito José da Costa, tinham promovido esta ideia. Porém, de acordo com José Adirson de Vasconcelos em seu livro, *A Mudança da Capital*, foi Varnhagen quem persistiu durante quase quatro décadas pela ideia da interiorização. Segundo o escritor e diplomata, João Almino, autor de *Cidade Livre*, romance que tem como pano de fundo a construção de Brasília e da *Trilogia de Brasília* – composta pelos títulos *Ideias para Onde Passar o Fim do Mundo*, *Samba-Enredo* e *As Cinco Estações do Amor* – Varnhagen tem sua importância por ter feito a primeira indicação precisa para a nova capital, e também por apontar importantes justificativas para a mudança: “Ele apontou além das razões de segurança, que seus antecessores já mencionavam, os fatores geradores de riqueza, de unidade nacional, integração e civilização.”

Movimentos Mudancistas

Se em 2012, com a capital consolidada e completando 52 anos é difícil imaginar os primeiros candangos chegando a Goiás e se deparando com um imenso horizonte, como que seria então, um século e meio atrás? Se Juscelino Kubitschek enfrentou resistência quando decidiu, em 1956, colocar em prática a ideia, iniciada a 150 anos atrás, de uma capital no centro do país, o que dizer dos primeiros pensadores?

Michelle dos Santos, historiadora e professora da Universidade Estadual de Goiás, campus de Formosa, pesquisou a imprensa escrita brasileira entre os anos de 1956 e 1960, no qual era apresentado o cenário mudancista e antimudancista a respeito da transferência da capital do litoral para o interior. Santos encontrou debates extremamente férteis e apaixonados, mesmo quando a construção da capital já estava em curso e até mesmo depois de inaugurada em 1960. “Se no século XX, a ideia do novo já assustava, mesmo quando já executada, imagino a coragem de pensadores que se dispuseram a sonhar com Brasília ainda nos tempos coloniais, imperiais e mesmo no início da República. Porque mesmo JK encontrou muita gente que via Brasília como sinônimo de pessimismo,

fracasso e atraso”, explica Michelle.

Pode-se, então, chamar os inconfindentes mineiros de corajosos idealistas. Segundo Ernesto Silva em *História de Brasília*, muitos historiadores creditaram Marques de Pombal como o primeiro pensador da interiorização da capital, contudo o que se pode afirmar é que existe apenas uma vaga referência a ele sobre o assunto. Sendo assim, Silva atribui aos inconfindentes mineiros a ideia de transferência da capital. “Pela quantidade de documentos a ideia é dos inconfindentes mineiros que, em 1789, incluíram, em seu programa, a transferência da Capital Federal do Rio de Janeiro para São João Del-Rei” (*História de Brasília: um sonho, uma esperança, uma realidade – Ernesto Silva*).

Depois dos inconfindentes, Hipólito José da Costa e José Bonifácio, respectivamente, são os mais célebres apoiadores da ideia de transferência da capital para o centro do Brasil. O primeiro, um jornalista brasileiro que viveu exilado em Londres, criador do jornal *Correio Braziliense*, escreveu artigos no qual defendia a necessidade de deslocar a capital para o interior do país. Sua principal justificativa era que a falta de relação entre as diferentes regiões prejudicaria o desenvolvimento da

Saiba Mais

Entre os diversos projetos de nova capital que surgiram no período da Independência do Brasil, vários nomes foram sugeridos para a nova sede do poder. Cronologicamente, Brasília é o primeiro nome a ser proposto, em 1821, por um deputado brasileiro nas cortes de Lisboa, ideia retomada em 1823 por José Bonifácio.

O nome Brasília quer simplesmente dizer Brasil em latim. É apenas a variação de escrita da palavra Brasil. Segundo a chefe do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas da Universidade de Brasília, Dra. Rozana Reigota Naves, na etimologia, é a junção da palavra ‘Brasil’, ao sufixo átono ‘ia’ de origem latina, um dos mais frequentes desde a antiguidade clássica na formação dos topônimos para formar locativos pátrios e aparece de maneira regular, a partir de 1520, nos globos ou nos mapas representando a América do Sul.

nação. José Bonifácio também foi defensor da transferência da capital. Aliás, esse assunto esteve muito em voga e foi debatido no período da independência brasileira.

Transferir a capital era uma necessidade dos independentistas de marcar, simbolicamente, a passagem do Império português ao Império brasileiro. Muitos projetos de nova capital foram sugeridos e apresentados à Assembleia Constituinte. O patriarca da Independência do Brasil, foi muito além de um entusiasta da ideia de interiorização da sede do poder: ele a pensou, discutiu e estudou. E em 1823, mais de um século antes da inauguração da nova capital, José de Bonifácio retomou o nome proposto em 1821 por um deputado brasileiro na corte de Lisboa e sugeriu que a nova capital se chamasse Brasília. *“Parece muito útil, até necessário, que se edifique uma nova capital do Império no interior do Brasil para assento da corte, da Assembleia Legislativa e dos tribunais superiores, que a Constituição determinar.*

Esta capital poderá chamar-se Petrópole ou Brasília”

(Memória de José Bonifácio apresentada à Assembleia Constituinte e Legislativa do Brasil, em junho de 1823).

Depois de José Bonifácio o principal nome a defender a ideia da nova capital é Varnhagen, que por 40 anos representou o Brasil e seus interesses em diversos países. Ele refletiu sobre a formação nacional do país, e propôs medidas concretas para sua modernização, sendo uma delas a transferência da nova capital. Depois da morte de Varnhagen, em 1878, o principal movimento que trouxe novamente à tona a ideia de transferência da capital foi o advento da República, em 1889. Época que os debates sobre a capital recomeçam. O projeto de mudança da capital é inscrito na pauta da primeira Assembleia Constituinte republicana e depois de discussões é incluído no dispositivo constitucional de 1891.

Antes, porém, em 1877, o Visconde de Porto Seguro resolveu ir mais além que seus precursores: visitou as paragens que os mapas indicavam, entre os paralelos 15º e 16º e acima de mil metros sobre o mar. Se Michelle dos Santos afirma que em 1956 os jornalistas viam Brasília como uma ideia pessimista, repleta de problemas como a dificuldade no transporte de materiais, transporte de pessoas e distância dos grandes centros urbanos (Belo Horizonte, São Paulo e Rio de Janeiro), levemos em conta as dificuldades enfrentadas por um diplomata de carreira acostumado a gabinetes e bibliotecas, que aos já 61 anos de idade, começava a aventura de percorrer o Brasil Central.

Constituição da
República dos Estados
Unidos do Brasil
24 de fevereiro de 1891

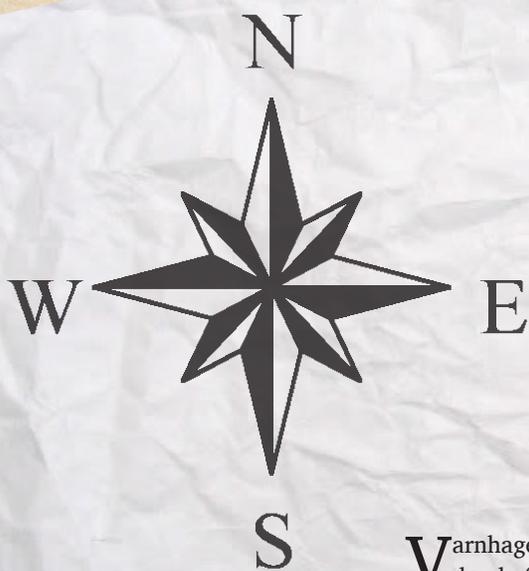
TÍTULO I
Da Organização Federal
Disposições Preliminares

Art 1º - A Nação brasileira adota como forma de Governo, sob o regime representativo, a República Federativa, proclamada a 15 de novembro de 1889, e constitui-se, por união perpétua e indissolúvel das suas antigas Províncias, em Estados Unidos do Brasil.

Art 2º - Cada uma das antigas Províncias formará um Estado e o antigo Município Neutro constituirá o Distrito Federal, continuando a ser a Capital da União, enquanto não se der execução ao disposto no artigo seguinte.

Art 3º - Fica pertencendo à União, no planalto central da República, uma zona de 14.400 quilômetros quadrados, que será oportunamente demarcada para nela estabelecer-se a futura Capital Federal.

Parágrafo único - Efetuada a mudança da Capital, o atual Distrito Federal passará a constituir um Estado.



A viagem

Varnhagen pede, ao governo brasileiro, licença de seu posto de chefe da equipe diplomática em Viena para conhecer o interior do Brasil, com o objetivo de identificar locais propícios para instalação de colônias de imigrantes europeus. Na verdade, esta viagem não passava de uma desculpa para Varnhagen conhecer a terra que serviria para a instalação da nova capital. *“Resolvemos pois pedir do Governo uma licença afim de nos ausentarmos por seis meses do posto honroso que ocupamos, e emprendermos (levando conosco os competentes instrumentos, incluindo nada menos que três barômetros) á custa de quaisquer trabalhos e sacrifícios, em quanto para eles nos sentíamos com forças, uma penosa viagem a cavalo, nada menos que até á cidade de Goiás, por nossas primitivas estradas, para de visu, e como antigo engenheiro, reconhecer essa notável paragem que a contemplação e estudo dos melhores mapas nos havia revelado; e ver se ela correspondia perfeitamente ás condições de bondade de clima e outras essenciais ao nosso propósito, ou se, bona fide, nos cumpria a tempo rejeitá-la e buscar outra num dos dois mencionados chapadões.”* (A Questão da Capital: Marítima ou no Interior?).

A viagem, que tem caráter totalmente oficial, é registrada no documento datado de 14 de junho de 1877, no qual o ministro da Agricultura, Tomás José Coelho de Andrade, encarrega Varnhagen de procurar e indicar as regiões favoráveis à implantação de colônias imigrantes.

Na segunda quinzena de junho de 1877, Varnhagen inicia sua expedição que se prolongou cerca de trinta dias até alcançar a região que ele havia marcado nos mapas. Não se sabe ao certo o roteiro da viagem, já que o rascunho de seu diário nunca foi localizado, mas sabe-se que Varnhagen

O Clima

Varnhagen visitou as paisagens do Planalto Central entre os meses de junho e julho e, segundo seu próprio relato, encontrou aqui finos ares europeus, o que pode ser explicado devido às baixas temperaturas registradas à noite e pela madrugada, que podem chegar a 10 ou 15 ºC, neste período. A umidade do ar cai e a temperatura varia muito, com frio pela manhã, calor à tarde e frio à noite.

Para o Visconde, a região que iria receber a nova capital deveria ter condições climáticas semelhantes às europeias, pois se acreditava que em locais quentes não havia estímulo para o trabalho o que acarretaria atraso no desenvolvimento da nação. Todavia, com altas temperaturas e clima seco, todos os anos, no período de estiagem (que vai de meados de junho a setembro) a Defesa Civil decreta estado de alerta no Distrito Federal, com a umidade podendo chegar a 10%.

Fonte: Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet)

saiu de Viena em direção ao Rio de Janeiro e que partindo dali são conhecidos três pontos de sua caminhada bandeirante: a cidade de Franca, em São Paulo; a cidade de Uberaba em Minas Gerais, de onde, alcançou em lombo de mula a antiga Vila Formosa da Imperatriz, atual Formosa, na província de Goiás.

Segundo o historiador Luiz Ricardo Magalhães e o pesquisador Gustavo Chauvet, acredita-se que o caminho percorrido pelo Visconde de Porto Seguro pelo interior do Brasil seja o mesmo que o botânico Auguste de Saint-Hilaire fez em 1819 e descreveu em seu livro *Viagem à província de Goiás*. “Já existiam estradas no interior de Goiás naquele período, o Visconde não saiu andando sem rumo. A estrada

que ele percorreu, eram estradas oficiais, por onde passavam grupos de tropeiros que levavam ouro, gado e escravos, provavelmente a mesma estrada que passou Saint-Hilaire”, explica Gustavo Chauvet. Endossando a explicação de Chauvet, Magalhães afirma que os caminhos provavelmente são iguais, já que as paisagens descritas por ambos são muito parecidas: “Os chapadões a que se refere Varnhagen, são descritos por Saint-Hilaire.” Chauvet ainda acrescenta que mesmo que o botânico tenha passado por estas paisagens cerca de 50 anos antes da visita do Visconde à região, naquela época as paisagens não mudavam tão rápido como hoje.

Saint-Hilaire era botânico, naturalista, viajou pelo Brasil e escreveu importantes publicações sobre os costumes e as paisagens brasileiras. No livro, *Viagem à província de Goiás*, ele relata a paisagem encontrada ao chegar ao Arraial de Santa Luzia (atual Luziânia, um dos três municípios, juntamente com Formosa e Planaltina, que cedeu território para a formação do Distrito Federal): “*Após subir a serra por alguns instantes, achei-me num planalto imenso, deserto e bastante regular, coberto ora de pastagens naturais salpicadas de árvores raquíticas, ora exclusivamente de gramíneas, de algumas outras ervas e de arbustos*” (Viagem à província de Goiás). Paisagem, notadamente, semelhante a encontrada por Varnhagen: “*Refiro-me à bela região situada no triangulo formado pelas três lagoas Formosa, Feia e Mestre d’Armas, com chapadões elevados mais de mil e cem metros, sobre o mar, como nela requer para a melhoria do clima a menor latitude, com algumas terras mais altas do lado do norte, que não só a protegem dos ventos menos frescos desse lado, como lhe oferecerão os indispensáveis mananciais*”. Descreve a região como “*(...) terrenos de campos e belas pastagens, limpas e sem bernes e de paragens altas e de bosques nos vales e margens dos ribeirões.*” (A Questão da Capital: Marítima ou no Interior?).

Segundo Chauvet, a viagem de Saint-Hilaire realizada em 1819 e a do Visconde de Porto Seguro, em 1877, devem ter seguido o seguinte o caminho da Estrada Real: Patos de

Minas – Paracatu – Luziânia – Ponte Alta (Gama) – Santo Antônio do Descoberto. Daí em diante, Varnhagen foi até a Lagoa Formosa em Vila Formosa da Imperatriz (atualmente a Lagoa Formosa faz parte do município de Planaltina de Goiás), e ficou hospedado por 15 dias na vila.

Varnhagen chegou a deslocar-se 48 quilômetros (ou mais) por dia, “*desde as 6h da manhã, apesar das fadigas do caminho*”. No diário perdido, o Visconde fazia suas observações a respeito do relevo dos pontos percorridos. Tais anotações eram feitas sempre no período da noite, pois

Juliana Freitas

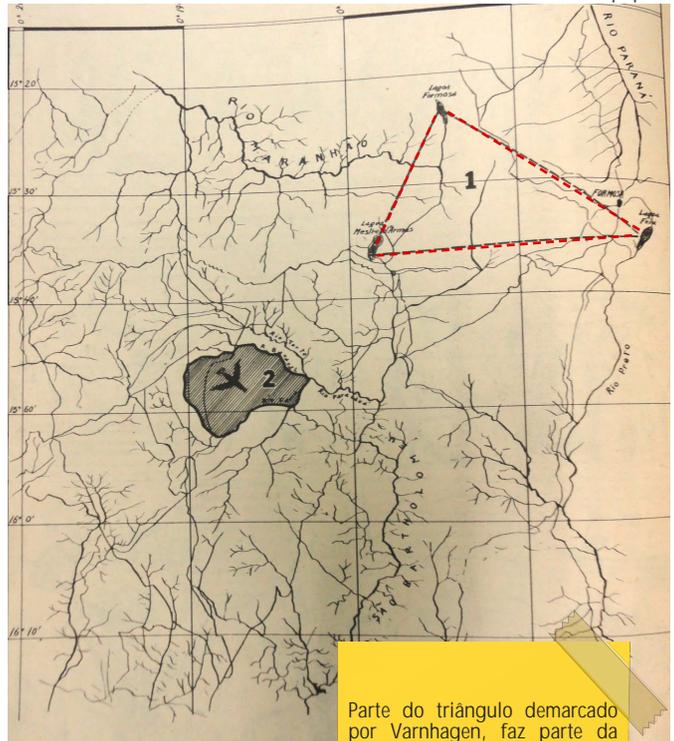


Lagoa Feia, situada no município goiano de Formosa. Um dos pontos de referência demarcados pelo Visconde

“Refiro-me à bela região situada no triângulo formado pelas três lagoas Formosa, Feia e Mestre d’Armas...”

Varnhagen, *A Questão da Capital: Marítima ou no Interior?*

Revista Epopéia



Parte do triângulo demarcado por Varnhagen, faz parte da área em que está localizado, atualmente, o Distrito Federal

durante o dia viajava e observava “(...) com as observações feitas, especialmente com respeito a orografia dos pontos percorridos, na ida e volta; o que tudo apontávamos em cada noite.”

No dia 28 de julho de 1877, já instalado em Vila Formosa da Imperatriz, escreve ao Ministro da Agricultura, dando oficialmente notícias sobre sua incursão ao interior do Goiás. E sugerindo aquela região tanto para a instalação de colônias europeias, como para a instalação da nova capital: o triângulo situado entre as três lagoas.

Segundo Luiz Ricardo Magalhães, antes de ir embora de Formosa, o Visconde de Porto Seguro, como prova de que a capital do, então Império, chegaria àquela região, presenteou o presidente da câmara Emílio Póvoa, com um de seus barômetros e, pediu que o mesmo fosse entregue ao Imperador, na ocasião da inauguração da capital. “Esse barômetro foi guardado com todo cuidado e passado de geração a geração. Foi entregue a Juscelino Kubitschek, em 1959, pelo deputado estadual Paulo Limírio Malheiros, 82 anos depois do pedido do Visconde”, relatou Magalhães.

Varnhagen faz o caminho de volta pela Bahia, e chega à cidade de Porto Seguro, onde pega o navio de volta para a Europa. De acordo com Magalhães, o Visconde faz uma viagem no tempo entre as três capitais do Brasil: “O Rio de Janeiro, a capital do presente, é seu ponto de partida. Depois o Visconde vem conhecer a terra prometida, a capital do futuro e volta à origem do Brasil, ao visitar a Bahia, onde foi instalada a primeira capital, no passado”, explica.

De volta a Viena, ainda em 1877, Varnhagen publica *A questão da capital: marítima ou no interior?*, Estudo completo sobre a transferência da capital, no qual retoma argumentos já apresentados no *Memorial orgânico*, de 1849, e transcreve a carta enviada ao ministro da Agricultura, meses antes, e faz suas observações sobre as paisagens e o clima que encontrou.



O barômetro doado pelo Visconde à Câmara de Formosa, foi presenteado à JK em 1960 e hoje é exibido no Memorial JK



O Legado

Com a obrigação oficial de transferência da capital dada pela Constituição de 1891, e a criação da “Comissão de exploração do Planalto Central do Brasil”, em 1892, mais conhecida como “Missão Cruls”, o imaginário sobre a transferência da capital, principalmente pelos goianos, foi reacendido.

Muitos dos estudos de Varnhagen foram utilizados por Luis Cruls – chefe da comissão – em sua expedição pelo Planalto Central. No relatório da Comissão, ele dedica cinco páginas a “Ideia da mudança da capital” e discorre sobre Hipólito José da Costa, José Bonifácio e Varnhagen. Inclui o triângulo formado pelas três lagoas: Formosa, Feia e Mestre d’Armas, que o Visconde havia sugerido e visitado, no quadrilátero. Em homenagem aos seus trabalhos, Luiz Cruls ainda nomeou a planície situada entre as três lagoas de “Chapadão do Visconde de Porto Seguro.”

Depois disso, em 7 de setembro de 1922, ao meio dia, foi assentada a pedra fundamental de Brasília, no alto do antigo Morro do Catingueiro, em Planaltina, que a partir deste dia passou a se chamar Morro do Centenário, em comemoração ao centenário da Independência do Brasil. Baseada no sonho de Dom Bosco, a pedra fundamental caracteriza o ponto central do Brasil, “entre os paralelos 15 e 20 graus.”

O sonho de Dom Bosco e a Brasília mística

Em 1883, o santo italiano fundador da Ordem dos Salesianos, Dom Bosco, teve um de seus famosos sonhos proféticos. Alguns trechos do que ele relatou: “Entre os paralelos de 15ºe 20ºhavia uma depressão bastante larga e comprida, partindo de um ponto onde se formava um lago. Então, repetidamente, uma voz assim falou: ‘... quando vierem escavar as minas ocultas, no meio destas montanhas, surgirá aqui a terra prometida, vertendo leite e mel. Será uma riqueza inconcebível...’”

Contudo, existe grande polêmica a respeito deste sonho.

Segundo Lourenço Fernando Tamanini, autor de *Brasília – A Memória da Construção*, o sonho de Dom Bosco foi, e ainda é utilizado indevidamente como uma das maiores referências à construção de Brasília.

A inclusão deste sonho nos antecedentes da mudança da capital fez parte de uma estratégia goiana para impulsionar, efetivamente, o Distrito Federal no interior do estado. Em 1955, foi utilizado pela primeira vez com este propósito no livreto encomendado pelo governador goiano José Ludovico de Almeida ao advogado Segismundo de Araújo Mello, *A Nova Capital do Brasil – Estudos e Conclusões*.

Segismundo Mello fazia parte do “grupo de Santa Luzia”, hoje Luziânia, que lutava pela causa da mudança, inclusive contra a transferência da capital para o Triângulo Mineiro. Em abril de 1955, o advogado lembrou-se de já ter lido um artigo associando o local escolhido para a capital a um sonho-visão de Dom Bosco. Tentou conseguir a fonte sem sucesso, partindo então para pesquisar pessoalmente o tema. Acabou chegando ao padre Salesiano Cleto Calimam que lhe forneceu uma cópia do sonho traduzida para o português.

Tamanini ouviu do padre Calimam, em entrevista de 1982, que “Segismundo ao ler a tradução não ficou satisfeito, achou o texto muito vago, pedindo então a ele que desse um jeito para que a visão tivesse mais um sentido de cidade, de civilização...” O padre disse que poderia fazê-lo, mas desde que Segismundo assumisse a responsabilidade. Então, no livreto a foto de Dom Bosco ganhou a seguinte legenda: “*São João Bosco, que profetizou uma civilização no interior do Brasil, de impressionar o mundo, à altura do paralelo 15º, onde se localizará a nova Capital Federal.*”

Israel Pinheiro, devoto de Dom Bosco, teve acesso ao livreto em maio de 1955 e se encarregou de oficializar esse antecedente, convencendo a si mesmo e a todo o país que a capital deveria ser construída em Goiás, onde finalmente se concretizou.

Depois disso, o termo ‘civilização’ foi também acrescido da palavra ‘grande’ por Juscelino Kubitschek e utilizado por inúmeros outros autores, o que acabou por tornar estes termos como parte da versão ‘oficial’ do sonho do santo salesiano.

Desta forma, o sonho que Dom Bosco teve e que foi ligado à história de Brasília, fez parte de uma forte vontade de associar a transferência da capital a uma vontade maior, uma força mística.

O esquecimento

A Missão Cruls, foi sem dúvidas um dos maiores marcos a respeito da criação de Brasília, antes de Juscelino Kubitschek. É, pelo menos o mais lembrado, mesmo que ainda seja muito desconhecido. Segundo os historiadores do Instituto Histórico e Geográfico do Distrito Federal (IHG-DF), Manoel Martins Pereira e Darcy Dornelas de Farias, aos poucos o tema vem sendo introduzido nas escolas públicas. “A maioria das pessoas desconhece a história do Distrito Federal que antecede a Juscelino Kubitschek. Alguns sabem a respeito do sonho de Dom Bosco, outros a respeito da Missão Cruls, mas os próprios professores são despreparados”, afirma o professor Manoel Pereira que faz parte do projeto *DF, seu Povo, sua História*.

Darcy Dornelas de Farias explica que Varnhagen é considerado como importante figura histórica. “Varnhagen foi o primeiro sistematizador da história do Brasil. Entre os historiadores ele é muito conhecido e aclamado pelo fato de ter sido o primeiro pensador da capital no centro do país. E para conceber seus ideais viajou até o Planalto Central, definiu o local da futura capital e, ainda, fez o *marketing* para que a transferência ocorresse. É a partir dele que a ideia de transferência torna-se algo mais concreto”, defende Farias.

Para desfazer a ideia de que Brasília só existe a partir de Juscelino Kubitschek, o IHG-DF vem trabalhando com professores e alunos de escolas públicas e particulares do DF o projeto *DF, seu Povo, sua História*, que há 18 anos vem formando professores e recebendo turmas de alunos em aula especial no próprio Instituto. “Infelizmente, a maioria das pessoas desconhecem a figura de Varnhagen e dos antecedentes históricos da criação de Brasília e o projeto DF, seu Povo, sua História, foi criado com o objetivo de formar alunos e professores que tenham capacidade de reproduzir esta história”, explica Manoel Pereira.

Para a historiadora Michelle dos Santos, a figura de Varnhagen é esquecida nos livros de história, pois foi ofuscada

em meio a figuras com maior apelo popular e histórico. “Em seus discursos, Juscelino sempre citava o Visconde entre outros antecedentes históricos. Entretanto em meio aos inconfindentes, que tem como sua maior figura Tiradentes, que tem até feriado nacional; José Bonifácio; Hipólito José da Costa e Luis Cruls, Varnhagen é ofuscado”, explica. Santos ainda endossa que ele está no grupo de pensadores que idealizaram Brasília, mas JK foi quem de fato colocou em prática a mudança da capital.

Aos poucos, os antecedentes históricos de Brasília vão ganhando espaço nos livros de história. Segundo Pereira, Varnhagen e os demais personagens que antecederam JK, já constam em livros de história do 4º ano do ensino fundamental. Não tem o espaço que merecem, mas já é um início.

Toda a história de Brasília ainda é pouco conhecida dentro e fora do Distrito Federal. A figura de Juscelino Kubitschek é imponente na história local e tem, sim, toda a importância que merece, mas apesar de ter sido o desenvolvimentista que colocou a ideia em prática, não foi o único sonhador.

Ter acesso ao diário perdido de Varnhagen nos permitiria conhecer detalhes de uma aventura que deu início a uma das maiores mudanças já ocorridas no país. Este caderno de anotações recheado de história ainda está perdido em algum lugar de Viena, Portugal, Chile ou, aqui mesmo, no Brasil. Encontrá-lo seria completar uma lacuna na história mudancista de um país chamado Brasil.

Mesmo sem o “caderninho” de anotações do Visconde, pode-se concluir que sua expedição pelo Planalto Central foi vitoriosa, não se sabe ao certo o caminho percorrido por ele, mas o fim todos conhecemos: Brasília. Já Varnhagen, sempre será lembrado na história como um grande historiador, para os moradores de Formosa, será apenas o nome de uma Rua e para os mais curiosos, um desbravador. Mas aquele que souber algo mais, poderá incluir mais capítulo a esta história.

A História do Distrito Federal

Em 1990, por meio de um convênio assinado em 1976 entre o Instituto Histórico e Geográfico do Distrito Federal e a Secretaria de Educação, três professores de história e geografia foram requisitados para atuar no Instituto. Tais docentes iniciaram aulas expositivas informais sobre a história do Distrito Federal. Nasce aí o embrião do projeto *DF, Seu Povo, Sua História*, que somente em 1994 passaria a levar este nome.

O projeto oferece, desde 2002, cursos de aperfeiçoamento para professores da Secretaria de Educação, certificados pela Escola de Aperfeiçoamento dos Profissionais da Educação (EAPE), aulas expositivas que podem ser previamente agendadas por escolas públicas e particulares e oficinas sobre a história da capital para quaisquer grupo de profissionais, tais como, agentes de turismo, bombeiros, policiais e agentes de trânsito.

As três vertentes do projeto incluem os antecedentes históricos da capital, o período da construção, os projetos urbanístico e arquitetônico da cidade, a geografia local, a inauguração de Brasília e a história das cidades-satélites e entorno.

Os interessados podem entrar em contato com o Instituto Histórico e Geográfico do Distrito Federal por meio do telefone (61) 3226-7753.

